

Graindelavoix

Björn Schmelzer

Josquin, the Undead



04 out 22

04 out 22 TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Graindelavoix
Björn Schmelzer Direção

Josquin, The Undead

Obras de Josquin des Prez (c.1450-1521)
incluídas no *Septiesme livre* de Tielman Susato (Antuérpia, 1545)

Nicolas Gombert

Musae lovis

Josquin des Prez

Baisiez moy

Parfons regretz

Cueur langoreulx

Faulte d'argent

Petite camusette

Douleur me bat

N'esse pas un grant desplaisir

Jean Le Brun

Si vous n'avez autre desir

Josquin des Prez

Nymphes des bois

Hieronymus Vinders

O mors inevitabilis

Josquin des Prez

Se congie prens

Plusieurs regretz

Je me complains

Pour souhaitter

Nymphes, nappes

Regretz sans fin

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 15 min.
CONCERTO SEM INTERVALO

Josquin, o Morto-Vivo

Dezanove anos após a morte de Josquin Desprez [ou “des Prez”], em 1540, Georg Forster, editor musical alemão, registrou: “Recordo-me de alguém proeminente ter afirmado que depois de morto Josquin parecia mais ativo como compositor do que quando estava vivo”.

Cinco anos mais tarde, a publicação das canções de Josquin, por iniciativa de Tielman Susato, de Antuérpia, acabou por lhe dar razão. A maioria das peças musicais – até então por divulgar e dadas por perdidas – eram, na realidade, inventadas ou meras deturpações. Esta (in)autenticidade preocupa atualmente os musicólogos, mas a publicação de Susato, enquanto primeira celebração do compositor, mantém o seu interesse porquanto ilustra a sua condição de “morto-vivo”: a obsessão, particularmente no fim da vida, com a morte, a decomposição, o arrependimento e a melancolia, marca as suas obras através de uma repetição compulsiva. E, no entanto, esta pulsão de morte acaba por ser o oposto de uma extinção: é um princípio musical por excelência, estagnando e acelerando ao mesmo tempo – uma dança macabra. Na sua publicação e a acrescentar às composições de Josquin, Susato incluiu três lamentações pela morte do compositor – de Gombert, Vinders e Appenzeller. O lamento de Gombert, *Musae Iovis*, é uma das suas obras mais formidáveis, citando *Nymphes des bois* de Josquin no princípio, o seu lamento por Ockeghem, antes de terminar com uma excepcional

dance à l'antique onde confluem elementos subterrâneos, terrestres e celestiais em louvor de Josquin, o morto-vivo.

Josquin escreveu a maioria das composições publicadas por Susato após 1504, ano em que deixou Itália e regressou à cidade de Condé-sur-l'Escaut, no nordeste da França, onde se manteve nos últimos 17 anos de vida. Apesar de muitas terem sido criadas na altura do seu regresso, como se pode comprovar através das fontes mais antigas, obras como *Nymphes des bois*, *Petite Camusette*, *Faulte d'argent* e *Baissez moy* pertencem ao que designaria como estilo tardio de Josquin. Nenhum outro compositor exaltou tanto a repetição como princípio, ao ponto de se tornar a sua assinatura musical. Jesse Rodin, autoridade no período “romano” de Josquin da última metade de 1490, chamou-lhe “personalidade obsessivo-compositiva” e outros investigadores apontam para uma compulsão para a repetição musical patente em praticamente toda a sua obra.

Na sua fase final, evidente sobretudo em canções francesas a cinco e seis vozes, a abordagem do compositor começa a tender para o que Adorno e Said descrevem como “estilo tardio”: a música torna-se mais simples, concentrada e apostada naquilo que Adorno designa como “a catástrofe” – ou a pulsão de morte do artista, facilmente observável nas suas últimas composições. Como se, após o fim de uma carreira internacional e o regresso a casa para gozar os prazeres

da reforma, o compositor tivesse encenado a sua própria morte simbólica mediante um género de poesia francesa muito particular: lamentos, canções de desgosto e de amor tragicómicas, etc. Tudo isto é eminentemente especulativo, naturalmente, tratando-se sobretudo de uma ferramenta dramática de auxílio aos intérpretes contemporâneos na abordagem do repertório. Não deixa, no entanto, de ser interessante a ideia de que pode ter sido esta morte simbólica, por si engendrada, que catapultou Josquin para a lendária e súbita fama em vida mas, sobretudo, após a morte efetiva, em 1521, e que, no período entre as “duas mortes”, criou esta aura de morto-vivo que para sempre o ensombraria e que veio a ser “ressuscitada” bem mais tarde, no séc. XX.

A publicação de Susato, 24 anos após a morte de Josquin, não é, naturalmente, uma coletânea harmoniosa, nem reflete a vontade do compositor. Contudo, a sua natureza retrospectiva, evidenciada pela dedicação exclusiva a um compositor da geração anterior, trazendo-o de volta à vida, é excepcional. Esta vertente celebrativa é marcada pelas lamentações pela morte de Josquin por parte de três de compositores contemporâneos, e reforçada de forma algo incomum pelo conteúdo das composições, cuja estrutura os investigadores afirmam estar longe de ser arbitrária: falam todas de impotência, de amor fracassado, de melancolia ou de morte. Estaremos perante uma conceção de Susato ou de Josquin?

No fim da vida de Josquin, as técnicas virtuosas de repetição parecem encaixar, como que estruturando os escombros da própria vida. A polifonia catastrófica aqui presente converge numa impotência, fracasso e inércia poéticos. As peças possuem uma estrutura baseada em cânones, alargada por outras simulações de cânones e imitações, revelando diversas continuidades estilísticas apesar de estarem distribuídas por um período de cerca de 20 anos. Pode considerar-se que estas peças de música funcionam como um antídoto relativamente aos conteúdos depressivos que veiculam, da mesma forma que Freud descreve a viscosidade da pulsão de morte e a ânsia repetitiva que a move. É nossa convicção que, de alguma forma, Josquin conseguiu capturar esta lógica universal do instinto de morte no seu estilo tardio.

BJÖRN SCHMELZER

Björn Schmelzer

Artista multidisciplinar, Björn Schmelzer estudou antropologia e musicologia. É o fundador e diretor do projeto Graindelavoix, um coletivo que desenvolve a sua atividade em torno da reabilitação dos repertórios antigos, explorando os anacronismos fundamentais das práticas artísticas ao longo dos tempos. Björn Schmelzer percorreu um longo caminho de pesquisa, inicialmente no espaço mediterrânico – Itália (Sardenha e Sicília), Espanha, Portugal e Marrocos – tendo-se especializado em repertório vocal e práticas de interpretação. Estudou várias tradições vocais medievais, a sua perpetuação e sobrevivência no tempo e os estilos de ornamentação. Através da combinação deste trabalho com informações e conhecimentos de antropologia, de história, de geografia humana e de etnomusicologia, elaborou vários programas originais para concertos. Como resultado de dez anos de experiência

com o Graindelavoix, está atualmente a redigir um livro sobre práticas vocais. Recebeu vários prémios, incluindo o prémio para o “Jovem Músico do Ano” da imprensa musical belga. Em 2011 tornou-se o primeiro *Creative Fellow in Musicology*, uma colaboração entre o Festival de Música Antiga de Utrecht e o Centro de Humanidades da Universidade de Utrecht. Realizou também filmes, tanto ficcionais como documentais, frequentemente relacionados com os projetos do Graindelavoix. Como dramaturgo e encenador, colaborou nos seguintes espetáculos: *Cesena*, com Anne Teresa De Keersmaeker; *Muntagna Nera*, com Filip Jordens e Jan Van Outryve; *Ossuaires*, com Koen Broos e Wim Scheyltjens; *Trabe Dich Thierlein*, com Margarida Garcia, Koen Broos e David Hernandez; *Hospital of Undersized Gestures*, com Koen Broos e Margarida Garcia.

Graindelavoix

O Graindelavoix é um projeto artístico multidisciplinar com sede em Antuérpia. Foi fundado no início do século XXI pelo antropólogo e etnomusicólogo Björn Schmelzer. O fascínio pela voz, a genealogia dos repertórios vocais e a sua relação com os afetos, a história e as culturas, são alguns dos elementos que estão na base da sua filosofia e do seu trabalho. Depois das apresentações públicas iniciais, a primeira gravação – *Missa Caput* de Johannes Ockeghem (Glossa, 2006) – ajudou a catapultar o grupo para os palcos internacionais. Cada novo projeto do Graindelavoix começa com um gesto musical concreto, um repertório ou uma obra, mas ao longo do processo de construção é dada especial atenção aos aspetos transformadores da prática, através da realização de uma leitura ativa. O passado não é uma realidade sólida da qual estejamos separados, mas antes um conjunto contínuo de correntes e contracorrentes que vivem nos nossos corpos. Os artistas do Graindelavoix exploram a forma como poderão guiar os públicos também no sentido de reconstruírem as suas próprias memórias e significados. O Graindelavoix é reconhecido pela sua abordagem pioneira

e inteiramente nova de repertórios antigos. Recebeu o prémio *Edison*, três prémios *Klara Music*, o prémio *Caecilia* da imprensa musical belga e vários prémios de revistas de música internacionais como *Répertoire*, *Pizzicato* e *Scherzo*. Os seus membros têm diversificados antecedentes artísticos e conhecimentos, sendo esta heterogeneidade aprofundada em cada nova atuação. Colabora regularmente em projetos multimédia e multidisciplinares, tendo-se apresentado em importantes palcos como os festivais Zomer Van Antwerpen, Laus Polyphoniae, Moussem, Berliner Festspiele, Brooklyn Academy of Music, Wratistavia Cantans, Alte Musik Regensburg, Kunstfest Weimar Ruhrtriennale, Santes, Avignon, De Doelen Rotterdam ou Bozar Brussels, entre outros.

Andrew Hallock Alto
Albert Riera Tenor
Andrés Miravete Tenor
Marius Peterson Tenor
Noé Chapoldard Tenor
Tomàs Maxé Alto / Baixo
Arnout Malfliet Baixo
Floris De Rycker Alaúde
Philippe Malfeyt Cistre

06 out 22

QUINTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

07 out 22

SEXTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

A Canção da Terra

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Kirill Gerstein Piano

Christa Mayer Meio-Soprano*

Mihails Čulpaļevs Tenor

Adès, Mahler

* Por motivo de força maior, Christa Mayer substituí Elena Pankratova



LORENZO VIOTTI © DR

10 out 22

SEGUNDA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Ciclo de piano

Daniil Trifonov

Tchaikovsky, Schumann,
Mozart, Ravel, Scriabin



HANNU LINTU © VEIKKO KÄHKÖNEN

14 out 22

SEXTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

15 out 22

SÁBADO 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

3.ª de Brahms

Coro e Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti Maestro

Andreas Ottensamer Clarinete

Brahms, Vasks

22 out 22

SÁBADO 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Ensemble Pygmalion

Raphaël Pichon Maestro

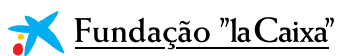
Judith Fa Soprano

Stéphane Degout Barítono

Bertrand Couderc Desenho de luz

Schubert, Weber, Schumann

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



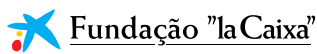
MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

300 Exemplares
PREÇO: 2 €

Lisboa,
Outubro 2022

